



PROSSEGUINDO NA VIDA

No estudo da palpitante questão da morte, muitas pessoas de-
têm apenas no fenômeno biológico da desintegração molecular,
que lhes impede a permanência, por mais largo tempo, guindadas
ao carro do prazer.

Consideram-na como sendo o fim da existência do ser eterno, e
não se permitem auscultar a Natureza onde se expressam os mais
vibrantes quadros de transformação, de morte para imediato re-
nascimento, ensinando a perenidade do fluxo vital em intermínios
processos da renovação.

* * *

Aqui aparece o córrego transparente e cantante; ali, se alarga o
pântano estagnado e morto.

À frente, a árvore estuante e pejada de frutos; ao lado, o sarçal
requeimado pelo Sol, quase sem vida.

Em uma área fresca, a abundância da horta abençoada; noutro
espaço, o deserto árido...

Uns e outros, aguardando trabalho, retificando e apoio, a fim
de manterem o *milagre* da vida.

* * *

No corpo em que te movimentas, a morte das células e molécu-
las é constante, sem que se altere a vida, em contínua transfor-
mação.

Age, pois, conscientemente, de modo que te não convertas, atraí-
do pelo utilitarismo, em parasita sugador dos recursos vitais, a um
passo da cadaverização mortal, que é uma forma de morte na vida...

Morrer é viajar no rumo de novos comportamentos.

Porque traz de volta o viajante, que partiu para a aprendizagem
terrena, é natural que ele seja convidado, quando do retorno, a ex-
ame e prestação de contas dos recursos aplicados e dos resultados
conseguidos durante o curso terrestre.

Recuperada a lucidez, faz-se mais severo o critério pessoal de
avaliação dos atos.

Passada a oportunidade, compreende-se-lhe melhor o alto sig-
nificado de que se revestiu.

Concluída a luta, é mais fácil de serem examinados os seus lances.

Desse modo, enquanto te encontras na dádiva do corpo, utiliza-te
de todos os momentos para dignificar-te, agindo com sentimentos
elevados e aprendendo com sacrifício.

Respeita o tempo de que dispões, entesourando os valores morais
que podem ser investidos em obras de duração eterna, porquanto,
em ti chegando a morte, queiras ou não, creias ou lhe abomines a
realidade, despertarás, prosseguindo na Vida, conforme a forjaste
anteriormente.

Joanna de Ângelis

Do Livro: Luz da Esperança, Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz.
Psicografi a: Divaldo Pereira Franco.

Estudo: *O Livro dos Espíritos* – Terceira Parte – Cap. II – “Penas e Gozos Futuros”, questões 958 a 962

NADA. VIDA FUTURA

958. Por que o homem tem, instintivamente, horror ao nada?

“Porque o nada não existe.”

959. De onde se origina, para o homem, o sentimento instintivo da vida futura?

“Já o dissemos: antes de reencarnar, o espírito conhecia todas essas coisas e a
alma guarda uma vaga lembrança do que ela sabe e do que viu, no seu estado espi-
ritual.” (Ver questão 393.)

INTUIÇÃO DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

960. Donde se origina a crença, que encontramos em todos os povos, das penas
e das recompensas futuras?

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazi-do ao homem pelo
Espírito nele encarnado; pois, sabe-o bem, não é em vão que uma voz interior vos
fala; vosso erro está em não a escutardes o bastante. Se pensásseis bem nisso, e com
frequência, melhores vos tornaríeis.”

961. No momento da morte, que sentimento domina a maioria dos homens?
Será a dúvida, o temor ou a esperança?

“A dúvida, nos cétricos endurecidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos
homens de bem.”

962. Por que existem cétricos, já que a alma traz ao homem o sentimento das
coisas espirituais?

“Eles são menos numerosos do que se imagina; muitos se fazem de Espíritos
fortes, durante sua vida, por orgulho, mas, no momento da morte, não são tão fan-
farrões.”